

EPISODIO TREZE

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

Letreiro: BRASIL, CAZUZA, GEORGE ISRAEL E NILO ROMERO, 1988

Escrita no calor da hora, como um desabafo contra os desmandos, ladroagens e crise econômica naquele final conturbado dos anos 1980, Brasil continua mais atual do que nunca. Desde então, o país pouco avançou em questões éticas e morais, a impunidade continua, a sua cultura apodreceu e as manobras e acordos para conter o novo são mais escancaradas e a agressivas.

Talentoso, original e abusado, Cazuza foi o porta-voz da indignação nacional do momento, falando grosso e debochando das nossas misérias e da nossa impotência contra os vilões de sempre, como uma anti-Aquarela do Brasil. Amoroso e brigão, como se estivesse numa mesa de bar, se colocava à margem do poder, barrado nessa festa pobre, mas convicto de suas escolhas.

Numa composição de imagens fortes e dramáticas, usando o cartão de crédito como uma navalha, Cazuza se recusava a pagar sem ver por essa droga que já vem malhada antes dele nascer. Entre o deboche, a indignação e o desencanto, fez uma declaração de amor e ódio ao país, a grande pátria desimportante, que o poeta, em nenhum instante, pensou em trair.

Eternizada na voz de Gal Costa, Brasil foi tema na novela Vale Tudo, uma história em que ninguém valia nada e os vilões ganhavam no final. Parceria com o produtor Nilo Romero e o saxofonista George Israel, a música foi lançada no terceiro álbum solo de Cazuza, Ideologia, em 1988, quando ele já sabia ser portador do vírus da Aids. Com as emoções à flor da pele, passou a produzir freneticamente, movido pela raiva e pela liberdade dos mercados para morrer.

No lugar das aspirações hedonistas de um jovem burguês, deu uma guinada na fase final da carreira, criticando a própria alienação e os

privilégios de sua classe social. Com reflexões amargas, enfileirou sucessos e mensagens contundentes, denunciando o descompasso entre a realidade e os fatos de uma elite mergulhada em sua piscina cheia de ratos.

NM/ON: O tempo não para, tema do sucesso e sofrimento de Cazuza, era compartilhado por toda sua geração. Com uma noite longa para uma vida curta, os Paralamas tinham pressa para transformar uma desilusão num sucesso luminoso.

leiteiro: LANTERNA DOS AFOGADOS, HERBERT VIANNA, 1989

NM/OFF: Das bandas de rock adolescentes à uma rara fusão de ritmos dançantes, os Paralamas evoluíam em versatilidade e bom gosto desde sua entrada em cena. Na longo e penoso processo de amadurecimento, bastaram dez minutos para a banda mergulhar no mundo das baladas. Inspirado num bar citado no romance Jubiabá, de Jorge Amado, Herbert Vianna fez a bela e melancólica Lanterna dos Afogados enquanto andava de moto com a namorada.

A música foi lançada no quinto álbum da banda, Big Bang, que consolida uma mudança na direção da complexidade temática e sonora. Desde o disco anterior, foram levados para o estúdio os teclados e o naipe de metais que até então acompanham o power trio apenas nos palcos. As possibilidades cresciam juntas com o desafio de navegar por harmonizações e melodias cada vez mais ousadas.

No texto de apresentação do disco, Arnaldo Antunes apontou Lanterna dos Afogados como canção-síntese de Big Bang, pela ambiguidade dos seus versos que apontam para o desalento e a redenção. Pela luz no túnel dos desesperados, o poeta viu a saída entre “a fossa e a troça”.

Sem maiores sofisticções literárias, a música que chega aos sentimentos pela doce amargura da voz de Herbert e pelo pancadão rígoroso e crescente da bateria de João Barone e que explode no suingue dos metais e da guitarra rasgada. Sucesso de crítica e público, a música voltou com força total cinco anos depois na versão rascante de Cássia Eller. E continuou no repertório de cantoras consagradas, como Daniela Mercury, Gal Costa, e Maria Gadú, se tornando um porto seguro para quem precisa chegar ao sucesso e ao coração do público.

NM/ON: No jargão musical, a cozinha é o que o piano, o baixo e bateria, eles fazem a base para alimentar toda a banda. Batendo seus tambores

de fé e musicalidade, Carlinhos Brown chegou à linha de frente sem abandonar a culinária baiana e lançou um tipo de letras de alta sonoridade.

Letreiro: MEIA LUA INTEIRA, CARLINHOS BROWN, 1989

NM/OFF: Multi-instrumentista, cantor, compositor, produtor cultural, um dos mestres do samba reggae, Brown detonou uma explosão de efeito retardado, que ecoa até hoje como um dos grandes sucessos do gênero. Começou a aparecer como o sensacional percussionista da banda de Caetano Veloso no fim dos anos 1980 e tinha emplacado uma composição própria, “Capoeira larárá”, que passou em branco no álbum *Tambores urbanos*, do Chiclete com banana.

Um ano depois, rebatizada pela interpretação de Caetano, “Meia lua inteira”, se tornou uma das melhores faixas do poderoso álbum *Estrangeiro*, produzido pelo guitarrista americano Arto Lindsay e pelo tecladista Peter Scherer, que ampliou a projeção internacional de Caetano. E também começou a espalhar o talento de Brown pelo mundo.

Com seu título paradoxal e poético, “Meia lua inteira” é referência de um passo de capoeira. Sincronizando a sonoridade e o ritmo das palavras, golpe do mestre Brown chegou como um soco na cara do fraco. No caminho aberto por Ben Jor, Luiz Melodia e Djavan, suas letras rompem com a tradição literária e semântica pelo som das palavras. A sonoridade é o seu próprio significado.

Muito bem compreendido em todas as línguas, Brown fez sucesso global em parceria com Sérgio Mendes, tocando percussão, cantando e assinando cinco faixas no disco *Brasileiro*, que ganhou o Grammy de melhor álbum de world music em 1993. Entre tantos parceiros, Marisa Monte e Arnaldo Antunes são os mais constantes. Com eles, Brown formou o trio *Tribalistas*, de espetacular sucesso no Brasil e na Europa. Entre o mundo e aldeia, o estrangeiro e o nativo se reconhecem no brilho de uma meia lua inteira.

NM/ON: Logo depois de lançar seu primeiro romance, *Estorvo*, Chico Buarque mergulhou num romance musical de ficção científica. Dos vestígios de estranha civilização, trouxe das profundezas uma das maiores pérolas de seu repertório.

Letreiro: FUTUROS AMANTES, CHICO BUARQUE, 1993

NM/OFF: Chico Buarque pode ter dezenas de músicas em qualquer lista de melhores, mas, para meu gosto, se tivesse que escolher uma, essa é a sua canção mais bonita.

Com nítida inspiração jobiniana, à altura das grandes obras do mestre, “Futuros amantes” é uma bossa-nova lenta e melancólica, cantando o futuro remoto e a permanência de um amor que pode esperar por milênios no ar.

Contendo a afobação das paixões efêmeras, já no primeiro verso, revela-se o Chico maduro, retratado em todas as faces do definitivo disco Paratodos, de 1993, quando tinha 49 anos. Com fino artesanato e delicadeza de sentimentos, Chico montou uma canção para a eternidade, como se fosse a carta de um naufrago numa garrafa jogada ao mar. Quando foi lançada, alguns aficionados da MPB viram ali uma referência à “Cidade submersa”, o samba também lento de Paulinho da Viola, lançado 20 anos antes. Apesar das diversas homenagens contidas em Paratodos, Chico contou que a cidade submersa foi apenas a primeira imagem que lhe veio à cabeça quando começou a compor ao violão.

(podemos usar trecho do documentário do roberto oliveira que chico explica a gênese da canção, do contrário, transcrevê-lo-emos, tá certo jânio?, abaixo)

O mergulho no melhor da obra de Chico fez a ficção se encontrar com a realidade. Assim como os futuros amantes da canção, Gal Costa levou adiante o eco palavras do poeta, numa gravação impecável, no álbum Mina D’água.

NM/OFF: O amor e o tempo travam uma luta permanente na música brasileira. No canto arrebatador de Nana Caymmi, Cristóvão Bastos e Aldir Blanc respondem ao tempo com beleza e harmonia.

Letreiro: RESPOSTA AO TEMPO, CRISTÓVÃO BASTOS E ALDIR BLANC, 1998

NM/OFF: Nascido em Cuba no início do século XX, o bolero se espalhou pela América Latina na década de 1940, chegando ao Brasil como uma onda que influenciou o samba canção e perdeu força com o surgimento da Bossa Nova. Diante do culto ao minimalismo e à elegância, o gênero das paixões à flor da pele foi considerado cafona, mas “o dois pra lá dois pra cá” de João Bosco e Aldir Blanc sempre teve espaço na MPB. Difícil era encontrar uma voz de tamanha vivência e sentimento para comover

o Brasil com um bolero que virou fenômeno de execução nas rádios no fim dos anos 1990.

Além de dar nome ao disco da Nana, “Resposta ao tempo” foi tema de abertura da minissérie Hilda Furacão e se transformou no maior, e talvez o único, grande sucesso popular de Nana, uma diva cultuada por um público mais sofisticado.

Em parceria com João Bosco, Aldir Blanc já teve boas experiências com o bolero, fazendo letras com o seu habitual humor cáustico e irônico. Mas, sobre a melodia nascida do piano de Cristóvão Bastos, Aldir se mostrou mestre de um lirismo profundo em forma de diálogo com o tempo.

Com belíssimo arranjo de cordas de Cristóvão Bastos e a interpretação apaixonada de Nana, “Resposta ao tempo” se tornou a trilha ideal para a personagem que troca um casamento seguro pela prostituição na Belo Horizonte dos anos 1950. Embora a letra não faça qualquer menção ao enredo da série, adaptada de um romance de Roberto Drummond, suas reflexões sobre o tempo e a existência falam por Hilda Furacão e por toda criatura apaixonada que morre de amor para tentar reviver.

E assim, o bolero de Cristóvão e Aldir garante sua permanência além do tempo na música brasileira, renascendo sempre, com regravações de Milton Nascimento, Leila Pinheiro, Simone e Fafá de Belém.

NM/ON: Resistência em movimento, o samba não para de se transformar e parece inesgotável. Nascido nos becos e vielas, cresceu com jogo de cintura para fugir da repressão e hoje é recebido com festa em todos os lares brasileiros.

leiteiro: DEIXA A VIDA ME LEVAR, SERGINHO MERITI E ERI DO CAIS, 2002

NM/OFF: Desde que o samba é samba, os sambistas reclamam de preconceito e perseguição. No início eram vistos como vagabundos e marginais pela sociedade e pela polícia. Mas, já a partir dos anos 1930, o gênero caiu no gosto popular por ser a mais perfeita expressão do sentimento e do jeito brasileiro de viver. E se manteve forte e vigoroso, apesar das desilusões e melancolias do gênero, por estar sempre em movimento.

“O samba está morrendo”. “Querem acabar com o samba”. “O samba não pode morrer”. A queixa entoada em versos de muitos bambas acabou em samba. Como ensinou o mestre Nelson Sargento, o samba agoniza, mas não morre. Tudo papo de malandro, para ganhar mais

espaço para o samba. Nos anos 1940, quem dava o tom era o samba-exaltação nacionalista, passando pelo samba-canção dos anos 1960 e pela bossa nova da década seguinte. Vieram ainda o samba rock e o samba soul dos anos 1970 e o samba rap dos anos 1990 para mostrar que o gênero sobrevive, se transforma e cresce.

Com sua alegria, seu suingue e sua verve malandra e carioca, Zeca Pagodinho se tornou a grande voz do samba no terceiro milênio, unindo o clássico ao contemporâneo numa grande roda debaixo de uma jaqueira em Xerém. Em 2002, com o país crescendo em democracia e liberdade, vivendo um clima de grande otimismo, Zeca fez o país levantar as mãos para o céu e agradecer por tudo que Deus lhe deu. Retratando a luta e a esperança do povo, “Deixa a vida me levar” foi um estrondoso sucesso que embalou a seleção brasileira na conquista do penta em 2002. Vitorioso, como todo brasileiro, o querido Zeca tinha motivos para levantar a taça e fazer um brinde. Está comemorando até hoje...

NM/ON: De um encontro de amigos, muito diferentes entre si musicalmente, nasceu um dos grupos de maior sucesso da música brasileira, unindo música, letra e ritmos da Bahia, com o samba carioca e o rock paulistano.

leiteiro: VELHA INFÂNCIA, ARNALDO ANTUNES, CARLINHOS BROWN, MARISA MONTE, DAVI MORAES E PEDRO BABY, 2003

Ao lado de Cássia Eller, Ed Motta e Adriana Calcanhoto, a carioca Marisa Monte e o baiano Carlinhos Brown surgiram como as melhores novidades da MPB nos anos 1990. Originais, talentosos, e muito diferentes entre si, os dois se tornaram parceiros com belíssima “Segue o seco”, gravada por Marisa em 1994.

Desde o início de sua triunfal carreira aos 20 anos, Marisa se alimentou da diversidade, usando a qualidade de sua voz e de sua inteligência para levar sua curiosidade a percorrer um arco cada vez mais amplo, entre o clássico e a vanguarda. A partir da sua antológica regravação de Comida, dos Titãs, se aproximou de Arnaldo Antunes, que foi seu primeiro parceiro quando decidiu começou a compor o seu próprio repertório, com a canção Beija eu, de 1990

O paulistano Arnaldo Antunes surgiu como compositor e frontman dos Titãs nos anos 1980 e logo se destacou da banda, sendo reconhecido como o melhor letrista de sua geração ao lado de Renato Russo e Cazusa. Com o início de sua carreira solo, em 1992, teve com Marisa Monte uma das parcerias mais frequentes e bem-sucedidas.

Em 2002, juntando suas diferentes origens, formações e estilos, a carioca, o paulista e o baiano criaram os Tribalistas, unindo o poder ancestral da música ao alcance de novas mídias. Sem nenhuma apresentação pública e nem mesmo uma entrevista de divulgação, o disco foi o maior fenômeno da temporada no Brasil, chegando, no ano seguinte, a França, Itália, Portugal e Argentina com o mesmo sucesso.

Entre as grandes canções do disco, o destaque foi “Velha infância”. Herdeiros da excelência e da criatividade dos Novos Baiano, Pedro Baby e David Moraes também são autores da canção, numa síntese de quatro décadas de música brasileira e como expressão do espírito de brincadeira entre amigos que inspirou o disco.

NM/ON: Com a poesia das ruas e os ritmos brasileiros, Marcelo D2 conseguiu uma mistura que não havia sido feita por ninguém, com atitude, amor e respeito ao samba. Procurou as raízes do samba e encontrou um rap perfeito.

À PROCURA DA BATIDA PERFEITA, MARCELO D2 E DAVI CORCOS, 2003

Desde o Planet Hemp, a partir de 1993, Marcelo D2 vinha fazendo uma mistura certa de rap e punk rock com forte sotaque carioca e uma incendiária mensagem pela liberação da maconha, com grande sucesso e algumas prisões.

Mas, D2 só deu seu pulo do gato, em 2003, quando já estava em seu segundo disco solo, “À procura da batida perdida”. Fundindo rap com samba e outros ritmos brasileiros, a canção título e saudava os arquitetos da música brasileira e apontava novos caminhos para o rap nacional.

Sigla em inglês para ritmo e poesia, o rap nasceu na periferia de Nova York nos fins dos anos 1970 e se espalhou como um rastilho de pólvora pelos grandes centros urbanos do mundo. Embora Jair Rodrigues tenha gravado, ainda nos anos 1960, o samba rap “Deixa isso pra lá”, os primeiros representantes modernos surgiram em São Paulo nos anos 1980, com a dupla Thaíde e DJ Hum, seguidos pelos Racionais MC’S.

Mas foi com a malandragem e o balanço de D2 que o gênero saiu dos guetos, dialogando com a diversidade da música brasileira. Já no seu primeiro disco solo, “Eu tiro é onda”, procurava pela batida perfeita, usando samples do Canto de Ossanha, de Baden Powell. Mas foi no

segundo disco que a mistura deu onda, deixando o Brasil inteiro chapado com a sofisticação e a fúria daquele petardo sonoro.

Baseado, e bota baseado nisso, numa gravação de Luis Bonfá, “Bonfá nova”, a parceria de D2 com o produtor Davi Corcos explora a semelhança entre o canto-fala de MCs, partideiros e repentistas. No vai e vem da mão do DJ sobre o vinil, o scratch funciona como uma cuíca enquanto a pulsação do beatbox eleva os batimentos do rap à cadência do samba.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história.

Percorridos mais de cem anos e 101 canções, chegamos ao fim da trilha sonora dos sentimentos brasileiros. Por meio da música, o Brasil se reencontra com suas memórias, seus afetos e seus dramas. Do abre alas de Chiquinha Gonzaga à mistura explosiva de Marcelo D2, a busca pela batida perfeita não é um ponto de chegada, mas de seguir em frente. A festa da canção brasileira não tem hora para acabar.